

## Prefácio

Fábio R. R. Belo<sup>1</sup>

*Repetição e Angústia nas Origens da Perversão*, desde o título, é um livro claro quanto ao que pretende defender. A perversão tem uma origem ligada à história libidinal de um sujeito e não poderá ser reduzida à monstruosidade tal como muitos discursos e práticas desejam. Larissa Bacelete apresenta teorias fundamentais sobre o tema, criticando-as quando necessário, fazendo-as dialogar, permitindo ao leitor ter acesso a abordagens pouco lidas no Brasil. Se o leitor procura algo *novo* sobre a perversão, fiel ao espírito crítico e comprometido com a revolução copernicana da Psicanálise, ele acaba de encontrar.

A autora vai nos mostrar que, na situação originária que constitui o futuro perverso, temos muita dor, violência e angústia. Articulando autores como Bonnet, Roussillon, Balier e McDougall, a partir de referenciais teóricos mais amplos, especialmente Laplanche e Winnicott, Larissa Bacelete vai deixando muito claro que a posição perversa é uma defesa contra uma situação de dilacerante angústia inicial.

Tal tese, resumida assim, logo fará surgir seus oponentes contumazes, aqueles que acreditam que, ao mostrar que o perverso também sofre, logo estaremos transformando o agressor em vítima, impossibilitando qualquer reflexão sobre a responsabilidade ou minimizando o horror que a perversão insiste em causar.

A primeira resposta que daria a esse crítico diz respeito à dialética (talvez sem síntese possível) entre o exclusivo e o excluído. É fácil perceber a mesma origem dessas duas palavras: *excludere*, não deixar entrar, fazer sair. O exclusivo é, antes de tudo, aquele que tem o poder de excluir. Só depois o termo ganha a acepção de especial, único. Pensar nessa dialética, no contexto de uma discussão sobre perversão, é indispensável para que a psicanálise não reproduza a ideologia que exclui a perversão como algo exclusivo, único em determinadas pessoas. É preciso fazer notar – e esse livro de Bacelete o faz com primor – que a perversão é o excluído de todos nós e é também o que nos faz exclusivos, nos dois sentidos do termo, quais sejam: únicos e capazes de excluir o outro. Essa lógica da exclusão está presente na imagem que Freud propõe para explicar o processo de recalçamento:

Talvez possa ilustrar o processo de repressão [*Verdrängung*] e a necessária relação deste com a resistência, mediante uma comparação grosseira, tirada de nossa própria situação neste recinto. Imaginem que nesta sala e neste auditório, cujo silêncio e cuja atenção eu não saberia louvar suficientemente, se acha no entanto um indivíduo comportando-se de modo inconveniente [*sich störend benimmt*], perturbando-nos com risotas, conversas e batidas de pé, desviando-me a atenção de minha incumbência. Declaro não poder continuar assim a exposição; diante disso alguns homens vigorosos dentre os presentes se levantam, e

---

<sup>1</sup> Professor de Psicanálise (UFMG). [www.fabiobelo.com.br](http://www.fabiobelo.com.br)

após ligeira luta põem o indivíduo fora da porta. Ele está agora “reprimido” [*verdrängt*] e posso continuar minha exposição. Para que, porém, se não repita o incômodo se o elemento perturbador tentar penetrar novamente na sala, os cavalheiros que me satisfizeram a vontade levam as respectivas cadeiras para perto da porta e, consumada a repressão, se postam como “resistências”. Se traduzirmos agora os dois lugares, sala e vestíbulo, para a psique, como “consciente” e “inconsciente”, os senhores terão uma imagem mais ou menos perfeita do processo de repressão [*Verdrängung*]<sup>2</sup> (Freud, 1970 [1909]: 26).

Descrito a partir dessa metáfora, fica claro que, na neurose, o desejo recalcado é inconveniente em todos nós e que para mantê-lo afastado são necessários esses “homens vigorosos” dos bons costumes. Estamos sempre a um passo da perversão nos protegendo da perversão: quem não percebe nessa imagem sua dimensão política, isto é, a possibilidade desses “cavalheiros” excluírem também aqueles que não “merecem” estar no recinto dos bem comportados? O que fazer com aquele ou aquilo que *stören*, que incomoda, estorva, perturba? Como não cair na ingenuidade purista de simplesmente excluir o outro a fim de nos livrarmos da perversão que também está presente em nós mesmos? Mas também como não ser condescendente com o perverso, exigindo dele sua cota de responsabilidade diante do laço social, mesmo sabendo dos infinitos matizes da perversão cotidiana?

Nosso suposto crítico deveria compreender que ao traçar uma genealogia libidinal da perversão não estamos perdoando de antemão os crimes – dos mais insidiosos aos mais grotescos – que alguém poderia cometer. Estamos apenas ampliando a lição de Freud de que fenômenos que escapam à racionalidade imediata devem ser também acolhidos e interpretados. A reprodução da ideologia que condena o perverso à exclusão tem seu coroamento quando, diante da pergunta “por que o mal?”, conseguimos apenas responder, como um pai já impaciente diante da curiosidade infinita da criança, “não tem por quê”<sup>3</sup>. Nas palavras de Roussillon, citadas pela autora: “o pior destino elaborativo da destrutividade é que ela seja interpretada como perfeitamente idêntica a isso que parece ser”. Reconhecer as origens *pulsionais* da perversão é retomar a grande lição de Freud, já presente nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*: na verdade, a própria sexualidade humana é perversa e polimorfa. É exatamente por um tipo de exclusão – o desejo perverso existe “em negativo” na neurose – que podemos imaginar que perversos são apenas “os outros”.

O que temos nesse livro de Bacelete, insisto, é a continuidade da revolução copernicana, no sentido de mostrar o profundo descentramento trazido por essa noção de sexualidade perversa ou de inconsciente constituído

---

<sup>2</sup> Sigo a tradução brasileira e faço referência aos termos no original alemão a partir dessas edições: Freud, S. Cinco Lições de Psicanálise. In \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1970 [1909], vol. XI, pp. 11-51.

Freud, S. Über Psychoanalyse: fünf Vorlesung. In \_\_\_\_\_. *Gesammelte Werke*. Fankfurt am Main: Fischer, 1999 [1909], pp. 2-60.

<sup>3</sup> Cf. Green, André. Pourquoi le mal? In \_\_\_\_\_. *La folie privée: psychanalyse des cas-limites*. Paris: Gallimard 1990.

pela via da sedução generalizada. A tese da autora vai sendo construída de tal forma a mostrar que há *matizes* – importantes, sem dúvida – entre a sexualidade perversa, comum a todos nós, e a posição perversa, mais ou menos *exclusiva* a alguns. Quando, por exemplo, ela mostra que os pedófilos, de forma geral, foram tratados como crianças-objeto e praticam um tipo de vingança, invertendo os papéis de abusado/abusador, ela inclui o outro constitutivo na cena. Que o pedófilo tenha sido também violentado nos primórdios de sua vida é um fato absolutamente relevante para colocar freio à sanha punitiva que deseja apagar todo traço de perversão no humano. Essa repetição do mal, essa irracionalidade de fazer com o outro exatamente aquilo que mais te destruiu, encontra, curiosamente, em muitas teorias sobre a perversão, seu fecho: excluir o outro (como perverso monstruoso), pois é algo exclusivo daquela família “doente”. A psicanálise deve se contrapor a essa dobra ideológica propiciada por esse tipo de teoria moralista e isso implica em reaver algo da dignidade de qualquer sujeito, inclusive o perverso.

(...) quando há saúde, a comunicação criativa tem prioridade sobre a condescendência. A partir de uma percepção e de uma relação criativa com o mundo, o bebê pode se tornar capaz de sujeitar-se sem perder a dignidade. (Winnicott, 2002 [1968]: 91)<sup>4</sup>

Gostaria de convidar o leitor a pensar nesse trecho de Winnicott para que possamos compreender o tipo de trabalho que Larissa Bacelete realiza ao tratar a perversão como tratou nesse livro. A passagem é clara: Winnicott prioriza a comunicação entre mãe e bebê sem imposição, sem violência. Ele estabelece um ponto ótimo da convivência: poder se sujeitar às regras, mas “sem perder a dignidade”. O que seria essa dignidade, esse oposto à sujeição? Pensemos na origem da palavra dignidade, do latim *dignus*: “digno de, conveniente a; que merece; justo, honesto”<sup>5</sup>. Por sua vez, conveniente vem de *convenire*, isto é, “vir juntamente, afluir, encontrar-se, competir, ir ter com, visitar etc”<sup>6</sup>. Quando o bebê é digno, ele é conveniente, ele merece o que o outro lhe dá, ele pode ir ter com o outro, pode ser seu hóspede. A noção de dignidade eleva o outro à condição de hóspede conveniente, alguém *digno* de acolhimento. Daí, podemos concluir que a perversão é tratar esse outro como inconveniente, alguém que não merece nosso encontro, nossa acolhida. Agora, tomemos essa ideia da autora, quando resume a concepção de Bonnet:

(...) o perverso abriga elementos inconscientes resultantes da sedução originária que não foi suficientemente mediada pelo objeto, redundando na internalização de objetos perseguidores, que excitam e atacam o ego do sujeito, levando-o a responder a estas sensações através da violência. O desejo de submeter o outro à dor faz com que, através do mecanismo de identificação

---

<sup>4</sup> Winnicott, D. A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In \_\_\_\_\_. *Os bebês e suas mães*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2002 [1968], pp. 79-92.

<sup>5</sup> <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=dign%28i%29->

<sup>6</sup> <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=-vir>

projetiva, o perverso desfrute deste sofrimento que provoca, sendo remetido às suas próprias angústias.

Ampliar o contexto, buscar as origens, explicitar o papel do outro e do adulto: tudo isso é dar a dignidade que o conceito de “perversão” exige dentro da Psicanálise. Que o leitor compreenda também o contexto mais amplo dessa discussão: vivemos tempos sombrios quanto aos discursos sobre a perversão, principalmente aqueles ligados aos “psicopatas”. Teorias que visam legitimar práticas de exclusão sumária.

Nesse livro, aliás, seu ponto alto, temos um exemplo contrário dessa legitimação teórica. Trata-se do último capítulo, quando Larissa Bacelete analisa o “caso” Dexter. Diante desse caso fictício, os discursos sobre o psicopata-monstro surgiriam facilmente. A autora, no entanto, não se deixa levar e elabora uma interpretação sofisticada que, de forma alguma, “perdoa” o criminoso, mas que não deixa de dar a ele o direito à dignidade de ter sua história reconhecida. Curioso o curto-circuito que a teoria deve evitar: não ser perversa com os perversos. O caso é interpretado de tal forma a servir inclusive para o leitor que inicia seus estudos em Psicanálise compreender como as conclusões rápidas sobre a perversão devem ser evitadas.

As ideias contidas nesse livro estão longe da condescendência e são corajosamente criativas. Ser criativo, quando se estuda a perversão de um ponto de vista psicanalítico, é, em primeiro lugar, não reproduzir o mal, isto é, destituir o outro de voz ou não permitir que ele possa ser acolhido e escutado; em segundo lugar, é ser capaz de produzir uma teoria que nos assegure que outras saídas são possíveis, que a perversão é uma contingência fruto de certas histórias libidinais e não fruto de uma natureza “diferente”; finalmente, é fazer reconhecer o angustiante matiz que vai da sexualidade perversa – e, de forma geral, recalçada e inconsciente – presente em todos nós até os atos perversos mais ou menos violentos. Larissa Bacelete cumpre todas essas tarefas com maestria e leveza, apesar da dura densidade do tema.